

**Representações de si, representatividade para as outras:  
Autorrepresentações de mulheres lésbicas sobre a lesbianidade**

*Maria Célia Araujo Tomé<sup>1</sup>*  
*Sibélius Cefas Pereira<sup>2</sup>*

**Resumo**

O artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa realizada no ano de 2020, na qual se objetivou conhecer as representações sociais de mulheres lésbicas sobre a lesbianidade. O estudo, de caráter qualitativo e orientado pelas produções teóricas do lesbofeminismo e pela Teoria das Representações Sociais, produziu seus dados a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com oito mulheres que se auto-designam como lésbicas. Os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin, possibilitando a organização das informações em categorias temáticas. Os resultados articulam-se em torno de três dimensões específicas: individual, social e política, a partir das quais emergiram, em cada, duas categorias temáticas. Nesta exposição, focaliza-se na dimensão individual e suas respectivas categorias: a) o processo de autopercepção como lésbica e b) teorizações sobre a lesbianidade.

**Palavras-chave:** lesbianidade; representações sociais; mulheres.

**Representations about yourself, representativeness for others:  
self-representations of lesbian about lesbianity**

**Abstract**

The article presents the partial results of a research accomplished in 2020, in which the objective was to know the social representations of lesbians about the lesbianity. This qualitative study was guided by the lebofeminist theory and the Theory of Social Representations. The data was produced from the semi-structured interviews were fulfilled with eight lesbians. The data were subjected to Content Analysis from Bardin, and the informations was organized into thematic categories. The results was articulated around three specific dimensions: individual, social and political, from which emerged, in each, two thematics categories. This discussion focuses on the individual dimension and their respective categories: a) the process of self-perception as lesbian and b) theories about lesbianity.

**Keywords:** lesbianity; social Representations; women.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Campus Poços de Caldas

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Campus Poços de Caldas

## Introdução

A sexualidade, ao representar uma dimensão humana constituída por diversos elementos, como práticas, linguagem, desejo, modos de pensar e agir etc., insere-se em uma conflituosa arena de interesses, seja no aspecto simbólico como no político. Pesquisas, em especial nas Ciências Humanas, buscaram, ao longo do tempo, adentrar este campo marcado por disputas narrativas cujas bases ancoram-se, predominantemente, em uma perspectiva universalmente biológica do ser humano, ou seja, atribuindo-lhe explicações exclusivamente a partir de sua anatomia e de suas características genéticas (Navarro-Swain, 2006).

Estas mesmas Ciências, dentre elas a Psicologia, foram de grande importância na formulação e disseminação de discursos sobre a homossexualidade e a lesbianidade, muitas vezes partindo dos mesmos pressupostos arraigados e difundidos pelas Ciências Biológicas (Borges, 2008). A partir do século XIX, percebe-se a estruturação de um jogo de legitimação entre moral, lei e ciência, em que esta última se ocupa da formulação das bases para a construção do que seria considerado “normal”. Assim, surge na medicina a categoria “homossexual”, um personagem a ser investigado a partir do qual se caracteriza a homossexualidade em termos médicos, psiquiátricos e psicológicos (Foucault, 1999).

Neste contexto, instaura-se na sociedade ocidental moderna a categorização dos sujeitos que, de perversos a invertidos, passam a ser classificados patologicamente e, portanto, controlados, distribuídos por uma rede de prazeres-poderes articulada e difundida, em especial, pelas instituições psiquiátricas, escolares e pela família (Foucault, 1999). Neste interim, o sexo e a sexualidade adquirem marcações hierarquizadas, elaboradas e reproduzidas a partir de um discurso da verdade (Selem, 2007), atribuindo à genitália a distinção máxima, que estabelece e pré-determina o humano em feminino e masculino (Navarro-Swain, 2006).

A lesbianidade, termo aqui utilizado em referência aos processos de subjetivação relativos à orientação sexual e/ou identidade política de mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente exclusivamente com mulheres e que se autoatribuem como lésbicas (Toledo, 2008), compartilha da lógica de categorização para fins de patologização citada anteriormente. Em virtude disto, é necessário pontuar que definições estigmatizantes marcam a construção histórica desta categoria, de modo que atribuições ancoradas no machismo e na “[...] hipervaloração dada à crença em uma

‘natural diferença anatômica’ subsumida pelo falo, tenham contribuído para esse tipo de interpretações” (Toledo, 2008, p. 134).

Observando-se um cenário marcado por extremos índices de violência como o do Brasil, que em 2016 registrou uma média diária de 13 mulheres assassinadas e outras 135 estupradas (Cerqueira et al., 2018), além do contexto lgbtfóbico<sup>3</sup> no qual, no ano de 2018, uma pessoa LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) foi assassinada a cada 20 horas, conforme apontado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB, 2019), demonstra-se a urgência e importância em se abordar a questão das mulheres lésbicas. Reconhecendo-se as especificidades concretas que atravessam estas existências por serem mulheres e não heterossexuais, os respectivos dados apresentam uma grave situação de vulnerabilidade ao sofrimento psíquico, físico e social que ameaça a realidade das lésbicas brasileiras.

Como apontam Peres, Soares e Dias (2018), em seu pioneiro e minucioso trabalho acerca do assassinato de mulheres lésbicas, o Dossiê sobre lesbocídio no Brasil, entre os anos de 2014 e 2016, estima-se uma média de 17,6 casos de assassinatos de lésbicas por ano. O termo “lesbocídio” é proposto pelas autoras como uma reivindicação, tendo-se em vista a escassez de dados provenientes do Estado, em especial referente às inúmeras violências e opressões sofridas por lésbicas.

Deste modo, lesbocídio é definido “como morte de lésbicas por motivo de lesbofobia ou ódio, repulsa e discriminação contra a existência lésbica” (Peres, Soares & Dias, 2018, p. 19). Aqui, valida-se de uma segunda reivindicação, qual seja pela legitimação do termo lesbofobia: “[...] um tipo específico de violência sofrida por lésbicas [...] pouco discutida, sobretudo fora dos espaços de luta por Direitos Humanos e Justiça Social protagonizados pelos movimentos feministas e LGBT” (Silva, 2016, p. 78). Segundo a autora, o termo lesbofobia surgiu nos anos 1990 em referência a violências direcionadas às lésbicas, mas, ainda hoje, trata-se de um vocábulo inexistente nos dicionários e pouco referenciado em bases de dados disponíveis nos meios digitais.

Em nossa cultura, por diversas vezes utiliza-se “homofobia” como um termo genérico, estendido ao que se deveria ser compreendido como lesbofobia. Isto decorre tanto por haver maior número de estudos sobre a homossexualidade masculina se comparados aos de mulheres lésbicas, como pelo fato de que muitos dos trabalhos que abordam a lesbianidade o fazem

---

<sup>3</sup> Termo utilizado em referência à violência sistêmica que afeta lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

considerando-a enquanto uma categoria “homossexual” ou de “pessoas homossexuais”, ignorando-se as especificidades inerentes às lésbicas (Lorenzo, 2012).

Partindo-se de uma perspectiva da lesbofobia enquanto uma construção cultural, vale-se da seguinte compreensão, conforme elucidada por Silva (2016):

A lesbofobia é mecanismo político de opressão, dominação e subordinação das lésbicas cujo núcleo central é o sexismo, que articula o machismo, a misoginia e a homofobia [...] a lesbofobia implica uma especificidade concreta, pois nós lésbicas sofremos dupla discriminação, opressão e subordinação por sermos socialmente reconhecidas como mulheres não heterossexuais (p. 81).

Pensando-se no cenário apresentado, este artigo busca analisar as representações sociais sobre a lesbianidade produzidas por oito mulheres lésbicas. Tomando-se como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais, uma proposta formulada no âmbito da Psicologia Social e que trabalha com os conhecimentos produzidos e compartilhados no senso comum (Jodelet, 2001; Moscovici, 2007), articulando-a às produções de teóricas do pensamento feminista e lesbofeminista, este texto apresenta parte dos resultados obtidos em uma pesquisa mais ampla. No trabalho que originou os dados discutidos aqui, objetivou-se conhecer as representações sociais de mulheres lésbicas sobre a lesbianidade, buscando-se identificar as representações e significados atribuídos à lesbianidade através dos discursos de mulheres lésbicas; compreender o papel da família e da sociedade no processo de produção das representações sobre a lesbianidade; e analisar as influências do feminismo na construção destas representações.

Este estudo justifica-se pela identificação da escassez do tratamento do tema no contexto acadêmico, a qual pode ser percebida como um reflexo da invisibilidade lésbica cotidiana. Em um levantamento bibliográfico realizado por Ziller e Barretos (2020), as autoras constataram os seguintes números: “Considerando apenas resultados em português, a busca pelo termo sexualidade no Portal Periódicos retorna 5.442 artigos; o termo gay, 1.907 artigos; homossexualidade, 955; LGBT, 587; teoria *queer*, 452; travesti, 272; lésbica, 254; travestilidade, 57” (Ziller & Barretos, 2020, p. 7).

Diante do apontado pelas autoras, é necessário reconhecer que, de fato, há poucos estudos sobre as lesbianidades se comparados a outras pesquisas referentes à sexualidade humana ou à homossexualidade masculina. Desta maneira, como afirma a historiadora Tania Navarro-Swain (2000) “o que a História não diz não existiu” (p.13), investigar os sentidos atribuídos por lésbicas às suas lesbianidades, mais do que favorecer a produção teórica sobre o tema, esta pesquisa visa

contribuir para a visibilização dessas existências, historicamente apagadas, distorcidas e incompreendidas, destituídas do poder de fala e do reconhecimento enquanto categoria política.

## Método

A pesquisa da qual se origina este artigo foi realizada no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e Inovação (PROBIC) da PUC Minas *campus* Poços de Caldas – MG, no ano de 2020. Realizou-se uma revisão da literatura da produção científica sobre o tema, em especial, em Teses e Dissertações disponíveis no Banco de Teses & Dissertações da CAPES<sup>4</sup>. Este estudo caracteriza-se como investigação qualitativa, do tipo descritivo.

Assumindo-se que o trajeto percorrido na busca pela compreensão da representação deve considerar a produção subjetiva das/os sujeitas/os sobre a realidade, de modo que a linguagem desponta como um importante instrumento de visualização e expressão de tais representações utilizou-se, nesta investigação, entrevistas semiestruturadas como técnica para a coleta de dados. Esta escolha demonstrou-se adequada aos objetivos propostos, tendo em vista a especificidade deste recurso em propiciar um “processo de negociação de sentidos entre o/a pesquisador/a e o/a entrevistado/a, pois na sua processualidade mantém, transforma e desafia os posicionamentos que vão ocorrendo durante a sua produção” (Aragaki et al., 2014, p. 59).

Contextualiza-se a necessidade de realização das entrevistas na modalidade virtual. Diante da situação de pandemia do novo coronavírus no ano de 2020, o recurso tecnológico mostrou-se necessário e apropriado. Assim, as entrevistas foram realizadas através do *Google Meet*, uma aplicação virtual gratuita e acessível, disponibilizada para instalação em computadores e celulares, possibilitando que as conversas ocorressem de forma síncrona.

As oito entrevistas, realizadas individualmente, ocorreram entre os meses de setembro e outubro do ano de 2020 e duraram, em média, 45 minutos. O roteiro semiestruturado continha questões que abarcavam desde o processo de autopercepção como mulher lésbica, passando-se pelas concepções compartilhadas pela família e pela sociedade segundo a visão das participantes da pesquisa, até o tema do feminismo como possível influência para a produção de representações acerca da lesbianidade.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br>

Ressalta-se, ainda, a valorização da postura ética no decorrer do processo de pesquisa. Desde a submissão ao Comitê de Ética da Universidade e sua posterior aprovação, a elaboração do Termo de Consentimento a ser assinado pelas participantes, até a atenção dada à proteção das informações que possibilitassem a identificação das sujeitas deste estudo, o compromisso ético permeou as várias etapas da pesquisa. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido foram enviados às entrevistadas, que receberam todas as informações sobre o preenchimento e envio do documento assinado, de modo que todas digitalizaram e enviaram os Termos devidamente preenchidos aos pesquisadores.

## 2.1 Caracterização das entrevistadas

**Tabela 1.**

Dados das Participantes da Pesquisa

Nome <sup>5</sup>	Idade	Ocupação	Pessoas com quem mora	Autoatribuição étnico-racial
Adriana	24	Estudante	Colegas de faculdade	Branca
Angela	23	Estudante	Pais	Branca
Bethânia	26	Estudante	Avó	Branca
Bia	21	Estudante	Colega de faculdade	Branca
Cássia	36	Geógrafa e professora	Sobrinho	Amarela/Parda
Leci	34	Bióloga e pesquisadora	Mãe	Branca
Sandra	30	Contadora	Sozinha	Negra e Mestiça
Zélia	36	Contadora	Esposa e filha	Branca

**Nota.** Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Participaram desta investigação oito mulheres, com idades entre 21 e 36 anos, que se autodesignam como lésbicas. Seis residiam em uma mesma cidade de tamanho médio localizada ao sul de Minas Gerais, uma em uma cidade de pequeno porte do mesmo estado, e uma na capital de São Paulo. Em relação a autoatribuição étnico-racial, a pergunta foi realizada de forma aberta e espontânea a todas as participantes, das quais seis se atribuíram como brancas, uma como Amarela/Parda e uma como Negra e Mestiça. Não foram realizadas questões sobre a atribuição de identidade de gênero.

<sup>5</sup> Para garantir o anonimato das entrevistadas, foram utilizados nomes fictícios, escolhidos a critério dos pesquisadores.

## 2.2 Procedimentos da análise dos dados

A seguir da realização e transcrição integral das entrevistas, realizou-se a leitura e revisão do material coletado a fim de se cumprir com os objetivos propostos. A partir disto, as informações recolhidas foram submetidas à Análise de Conteúdo, uma proposta que se refere a “técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos” (Minayo, 2014, p. 303).

O desenvolvimento de uma análise de conteúdo determina a execução de algumas etapas que possibilitam à/ao pesquisadora/or definir e classificar as unidades de sentido de modo a desvendar novas significações, a fim de conferir legitimidade à composição da pesquisa. Assim, conforme a proposição de Bardin (2011), a análise de conteúdo constitui-se em três etapas fundamentais, sendo estas: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira fase é dedicada à organização das etapas de análise, com o objetivo de “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas em um plano de análise” (Bardin, 2011, p. 123). Assim, nesta etapa, realizou-se uma leitura exaustiva do conteúdo produzido pelas participantes, procedimento definido pela autora supracitada como “leitura flutuante”, a partir da qual se estabeleceu uma primeira aproximação com o texto.

Em seguida, efetuou-se a escolha dos documentos, retomando-se os objetivos da pesquisa para a seleção dos conteúdos significativos ao cumprimento daqueles. Neste momento, estipulou-se o *corpus* do estudo, ou seja, o “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 2011, p. 126).

Após este momento, delimitou-se as unidades de codificação ou de registro, em que “executam-se certos recortes a nível semântico, por exemplo, o ‘tema’, enquanto que outros são feitos a um nível aparentemente linguístico, como a ‘palavra’ ou a ‘frase’” (Bardin, 2011, p. 134).

Na pesquisa, optou-se pela utilização de uma análise temática que, conforme apontado pela autora, enquadra-se como uma categoria semântica. Enquanto unidade de registro, o tema corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte não parte de manifestações formais reguladas, mas é dependente do

nível de análise. O tema é a unidade de significação que se sobrepõe ao texto analisado a partir de certos critérios relacionados à teoria que serve de base à leitura (Bardin, 2011).

A partir de tais procedimentos, realizou-se a exploração do material, segunda etapa do processo, dedicada à operação de codificação, compreendida pelo recorte (escolha das unidades), enumeração (determinação das regras de contagem) e classificação (escolha das categorias). Nesta etapa, agregaram-se as unidades de registro, estabelecendo-se as categorias que emergiram das falas das interlocutoras.

Finalmente, na terceira fase, em que se trabalhou com os resultados obtidos e a interpretação destes, os dados brutos puderam ser tratados de maneira significativa. Seguindo-se o procedimento de análise temática, inicialmente, os conteúdos foram agregados de acordo com três temas referentes a dimensões específicas da constituição subjetiva e social das lésbicas participantes.

Desta maneira, os resultados foram articulados em torno de três eixos temáticos, assim denominados: dimensão individual, dimensão social e dimensão política. Em cada um destes eixos emergiram duas categorias temáticas, respectivamente: a) o processo de autopercepção como lésbica e b) teorizações sobre a lesbianidade; c) repercussões do contexto familiar e d) implicações sociais da lesbianidade; e) o feminismo como possibilidade de compreensão e de transformação e f) um instrumento de luta das mulheres.

No presente artigo, focaliza-se no primeiro eixo temático, qual seja o da Dimensão Individual, em que foram trabalhadas as categorias O processo de autopercepção como lésbica e Teorizações sobre a lesbianidade, e suas respectivas subcategorias (**Tabela 2**).

**Tabela 2.**

Categorias Temáticas e Subcategorias da Dimensão Social

Eixo temático	Categorias Temáticas	Subcategorias
Dimensão Individual	O processo de autopercepção como lésbica	A identificação da diferença O reconhecimento da diferença como parte de si A aceitação da diferença
	Teorizações sobre a lesbianidade	Da condição inata à concepção de processo Do rótulo à representatividade

**Nota.** Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

### **3 Análise e Discussão dos Resultados**

Nesta discussão, adota-se como Dimensão Individual os conteúdos que se referem às perspectivas próprias das participantes do estudo. Ressalta-se que situar as categorias temáticas em torno de diferentes dimensões constitutivas destas mulheres visa, especificamente, fornecer possibilidades de compreensão acerca dos diferentes elementos que constituem a experiência com a lesbianidade das mulheres lésbicas que participaram desta investigação.

Concebendo-se as representações sociais enquanto um sistema de interpretação, permeado de elementos que se formam a partir de trocas efetivas entre o desenvolvimento individual e coletivo (Jodelet, 2001), a presença dos aspectos subjetivos, constitutivos da individualidade, constam ativamente no processo de produção das representações. Desta maneira, ainda que inseridas nos mais distintos contextos culturais e atravessadas por diferenças raciais, sociais e econômicas, imersas em um sistema de pensamento mais amplo, representar-se como lésbica assim como representar a lesbianidade referem-se a um ato de pensamento protagonizado pelas próprias mulheres aqui entrevistadas.

Focalizando-se nos conteúdos agrupados em torno das concepções sobre a lesbianidade produzidas por estas sujeitas, emergiram-se duas categorias temáticas: o processo de autopercepção como lésbica e teorias sobre a lesbianidade, às quais se associaram subcategorias, conforme o exposto a seguir.

#### **3.1 O processo de autopercepção como lésbica**

Segundo os relatos, a autopercepção como mulher lésbica trata-se de um processo difícil, confuso e imerso em uma ampla rede de significados que atribuem algum sentido ao “diferente”. Todas as oito entrevistadas utilizaram o termo “diferente” ao designarem um sentimento que, para a maioria delas, sempre existiu. Diante da recorrente utilização do termo, bem como do seu potencial representativo, ou seja, por ter sido utilizado por todas as participantes, utilizou-se a forma substantiva da palavra – diferença – para nomear as três subcategorias articuladas ao processo de autopercepção como lésbica.

Válido observar também que, ao se referirem ao início do percebimento de que poderiam ser lésbicas, a lesbianidade não foi nomeada. Isto é, ao reviverem suas infâncias e/ou adolescências, rememorando suas primeiras percepções frente à lesbianidade, as participantes

buscaram em outros substantivos, como “coisa” ou “sensação”, os recursos necessários para simbolizarem aquilo que ainda não compreendiam.

Enquanto um processo, a elaboração de si mesma como lésbica, conforme trazido pelas mulheres que participaram deste estudo, pode ser pensado em três momentos ou fases distintas, aqui definidas nas três subcategorias desta primeira categoria temática. A identificação da diferença, primeira subcategoria, refere-se ao momento da descoberta da existência de uma sexualidade que foge à norma, sendo considerada, portanto, diferente, estranha, anormal, errada, impactante.

As primeiras conotações destas mulheres ao identificarem a existência da diferença variam, em um mesmo espectro de significações e atribuições, da total falta de compreensão diante do estranho percebido até o mais alto estágio de desconforto e confusão, culminando, em grande parte, em profundo sofrimento psíquico. Como relataram, as qualificações de estranha e diferente tratam-se de designações que as acompanham desde muito cedo, assim como a incompreensão diante de um sentimento desconhecido que se instala independentemente da maturidade ou inocência: “[...] a vida toda eu sempre fui muito **diferente**. Na escola todo mundo gostava de fulano, mas a Sandra gostava da sicrana” (Sandra, 30 anos, grifo nosso). “[...] eu devia ter uns oito anos, que eu lembro certinho que tinha uma menina que eu achava ela muito bonita... aí eu falei assim: “**estranho!** Não tá **normal**” (Bia, 21 anos, grifo nosso). “[...] eu sempre me senti **diferente**. Quando a gente é pequena, a gente não sabe no quê, a gente só não se enquadra” (Angela, 23 anos, grifo nosso).

[...] foram sinais inocentes assim... muito cedo, sabe? Eu me lembro de olhar uma fita, daquelas fitas de música [...] e ficar apaixonada por uma mulher da novela, tá ligada? [...] só que lógico que era uma paixão assim que eu não sabia explicar (Leci, 34 anos).

Afinal, ao que se deve a representação do que, nas palavras das entrevistadas, denomina-se diferente? Para responder a esta indagação, necessita-se traçar um caminho oposto, tomando-se como ponto de partida aquilo que é tido como igual, para então retomar-se a linha de pensamento que busca lançar alguma objetividade àquilo que faz com que sentimentos, pensamentos e desejos sejam considerados tão avessos ao que se tem enquanto norma posta na sociedade.

Segundo Rich (2010), quem teorizou sobre a “heterossexualidade compulsória”, esta consiste em um sistema, socialmente instituído, que normatiza e naturaliza a noção de que todas

peças são heterossexuais, sendo a heterossexualidade a única expressão aceita dentro dos padrões de normalidade frente à sexualidade. Neste caso, o considerado “normal” refere-se a uma atração natural e invariável pelo sexo oposto, na busca de uma complementariedade afetivo-sexual, indicando, além da finalidade máxima da procriação, a oposição de papéis sociais e sexuais entre mulheres e homens ao se concretizar, compulsoriamente, dentro da instituição do casamento.

Aqui, cabe uma distinção traçada por Mezzari (2017) entre a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade, termos muitas vezes abordados como sinônimos. Para a autora, enquanto a primeira “faz menção a uma norma que força a heterossexualidade para todas as pessoas, a heteronormatividade se refere a imposição de uma forma de organizar nossas vidas pautada pelo modelo heterossexual” (p. 26). Desta forma, percebe-se que tudo o que fuja à norma, ao padrão, às expectativas de uma sociedade fundada pelas imposições da heterossexualidade compulsória, conseqüentemente, é tido como estranho, diferente, fora da normalidade e incompreensível.

Inseridas em um ambiente heterossexual, onde tudo o que se percebe ao redor é direcionado a uma sexualidade específica, justifica-se a nomeação de “diferença” ao que estas mulheres começaram a perceber sobre si mesmas. A diferença não é assimilada pelas entrevistadas apenas como aquilo que não é igual, mas como algo que atormenta, que gera confusões, que causa isolamento e sofrimento.

A partir deste primeiro momento, após a identificação da diferença, passa-se, então, ao reconhecimento da diferença como parte de si, segunda subcategoria discutida aqui.

Para as mulheres entrevistadas neste estudo, este segundo momento do processo de autopercepção foi permeado pela necessidade de compreensão daquilo que se passava consigo. Como algumas relataram, a homossexualidade não apenas passava longe de ser uma possibilidade de vivência da sexualidade como era um tema inexistente em suas vidas cotidianas. Como pode-se perceber nos seguintes trechos: “Na minha realidade não existia homossexualidade [...] ninguém era gay. Eu não conhecia essa realidade” (Bethânia, 26 anos). “[...] não existiam informações acerca do tema para eu entender que o que eu estava passando era natural, sabe?” (Cássia, 36 anos).

Conforme afirma Jodelet, “sempre necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca” (Jodelet, 2001, p. 17), de modo que, a partir da percepção de algum evento que fuja à normalidade ou às convenções socialmente estabelecidas, as pessoas partem em busca de referenciais que permitam o estabelecimento de um sentido. Assim, a falta de informações sobre a lesbianidade e homossexualidade é apontada pelas entrevistadas como um fator adverso no processo de reconhecimento de si como lésbica.

Devido à inexistência, no cotidiano, de conteúdos que as auxiliassem neste processo, estas mulheres partem em busca de referências fora de seus ciclos sociais. Para duas participantes, a internet é realçada como uma importante aliada neste processo: “[...] até eu descobrir, por conta própria, provavelmente na internet” (Bethânia, 26 anos). “O que me salvou foi a internet [...] quando eu fiz 12 anos, meu pai colocou internet em casa e eu comecei a pesquisar mais, e tudo mais... fui entrando em bate-papo de início” (Sandra, 30 anos).

Conforme o exposto, os meios de comunicação eletrônicos possibilitaram um contato virtual com aquilo que não existia como materialidade nos relacionamentos interpessoais vividos presencialmente. No processo de reconhecimento, faz necessário visualizar aquele modelo com o qual se reconhece.

Na experiência de Leci, o estabelecimento deste contato, que possibilitou uma proximidade maior com aquele “diferente” identificado em si, ao invés da internet, se deu através de um grupo de colegas:

[...] eu conheci uma galera, e nessa galera tinha um casal de mulheres, que já eram libertas, já andavam de mãozinha dada na rua, estavam se lixando para os olhares tortos e agiam como um casal deve agir, né, normalmente, assim como um hétero reage na rua. E eu fiquei muito maravilhada com aquilo, fiquei: “nossa, que legal! Fera! Parece que eu quero também” (Leci, 34 anos).

Interessante observar nestes últimos trechos que, após todas as sensações de inquietação, incompreensão e estranhamento, vivenciadas na primeira fase do processo de autopercepção, estas mulheres abriram-se para a descoberta de uma nova possibilidade. Ressalta-se, como apontado por elas, que essa abertura ocorreu gradualmente, a custas de abstenções e muitos questionamentos.

Enquanto o primeiro momento foi vivenciado de modo muito restritivo, isto é, limitado a diálogos internos e dúvidas que, muitas vezes, estas mulheres não conseguiam, não podiam ou

não haviam recursos emocionais para conseguirem exteriorizá-las, nesta segunda fase já existe uma projeção para o externo. Tanto o impulso em buscar por conteúdos relacionados à lesbianidade na internet como o encantamento ao se deparar com um casal lésbico que vive o seu relacionamento livremente, ambos refletem um deslocamento no reconhecimento da própria sexualidade, que parte do interior dos próprios pensamentos rumo ao encontro, no ambiente social, daquilo que se busca entender.

Desta maneira, um grande questionamento rompe com as rígidas estruturas do regime heterossexual compulsório e atinge em cheio um dos principais objetivos deste sistema, dedicado à imposição da heterossexualidade como norma e prática obrigatória. Trata-se de uma importante estratégia da heterossexualidade, tornada compulsória através de artifícios culturais, que deslizam e impregnam-se pelos meios educacionais, formais e informais (Navarro-Swain, 2010), denominada por Rich (2010) de “ideologia do amor heterossexual”.

Tal ideologia reveste-se de uma série de artifícios utilizados como convencimento e reiteração do relacionamento heterossexual como um ideal, transmitidos, incessantemente, através “[...] dos contos de fada, na televisão, nas propagandas, canções populares, nas cerimônias nupciais” (Navarro-Swain, 2010, p. 48). Corroborar-se ao apresentado pelas autoras o que foi relatado pelas mulheres deste estudo, cuja metade das participantes afirmaram terem vivenciado relacionamentos heterossexuais em suas vidas. Como se segue: “[...] eu fui casada com um homem, casei com 16 anos, eu engravidei e acabei casando” (Zélia, 36 anos). “Eu já tinha namorado homem fazia muito tempo... por não conhecer nada, né? Fiquei com um mocinho na festa, daí fiquei namorando ele” (Bethânia, 26 anos). “[...] porque até então, eu namorava um garoto, e eu nunca tinha falado pra ninguém dessa minha vontade de conhecer uma menina, né, nunca!” (Leci, 34 anos).

[...] eu acabei caindo em um relacionamento heterossexual, que foi muito bom pra saber o que eu não queria, mas eu li um texto sobre heterossexualidade compulsória [...] e eu falei: “gente! Será que é isso aí? Será que é por isso?” (Angela, 23 anos).

Conforme apontado nos fragmentos, pode-se perceber a experiência em relacionamentos heterossexuais por duas perspectivas: a primeira, representada nos dois relatos iniciais, refere-se à participação em uma relação heterossexual anterior à percepção de si como lésbica, como se houvesse uma ruptura espaço-temporal entre a concepção de si como uma mulher que vivenciou um relacionamento heterossexual e o autorreconhecimento como lésbica. Já a segunda

perspectiva, analisada por meio dos dois últimos trechos, refere-se ao processo de elaboração de si como lésbica em meio a uma relação heterossexual, sugerindo a vivência desta experiência como um estímulo ao questionamento da própria sexualidade.

Reafirma-se, portanto, que o processo de reconhecimento de si atravessa o outro, seja o outro que se rejeita, ou a outra que passa a ser vista como um potencial centro a serem direcionados afeto e desejo. Assim, o primeiro contato afetivo-sexual com uma outra mulher trata-se de uma experiência decisiva na trajetória das participantes deste estudo. A investida a qual se propõem estas mulheres após um longo período de introversão, reflexões e amadurecimento acerca da sexualidade, representa um ato de permissão aos próprios desejos, como pode-se observar: “[...] foi quando eu me permiti entender... quando eu beijei uma menina pela primeira vez e, desde então, nunca mais fiquei com homem! Foi uma quebra total assim” (Bia, 21 anos).

E aí eu fiquei meio que a fim de uma amiga e aí tudo isso foi... me levou a questionar a minha heterossexualidade, até que ponto eu era hétero mesmo e tudo mais. Aí depois que eu terminei, eu fiquei com uma menina e eu vi que era aquilo lá mesmo (Angela, 23 anos).

Eu sempre tive atração por mulheres, mas achava que não era algo... sei lá... tipo, achava mulher bonita, gente boa, não era a mais. Acho que foi a partir da primeira vez que eu fiquei com uma menina mesmo que eu me percebi como lésbica (Adriana, 24 anos).

Através destes fragmentos, a “quebra”, como nomeada por Bia, vai muito além de uma ruptura no âmbito das relações, como trouxe Angela, ao dizer de uma decorrência de seus questionamentos acerca da heterossexualidade. Estas interrupções significam o encerramento de uma existência forjada pelas coerções estabelecidas pela heterossexualidade compulsoriamente posta, que opera sempre no sentido de impor às mulheres a negação de sua sexualidade, a restrição de suas vontades e o direcionamento de sua admiração aos homens.

Ainda como efeito de um sistema impositivo dos desejos e das práticas sexuais, heterossexualmente orientadas, a fase do reconhecimento da diferença em si, ou seja, do autorreconhecimento como lésbica, é atravessada também por cargas de sofrimento psíquico. Como verifica-se nestas duas falas: “Quando eu me reconheci, que eu me permiti reconhecer que eu era lésbica, eu estava numa crise de depressão muito forte, então, foi assim. Três anos da minha vida, ensino médio que foi completamente perdido, completamente conturbado” (Bia, 21 anos).

[...] eu casada ainda, entendeu? Eu não conseguia ver ele como parte de mim [...] era muito complicado! A gente se dava bem, mas era tipo, mais uma amizade mesmo. E aí, como eu fui

provocando muito vômito [...] comecei a ter esofagite, comecei a ter um monte de coisa (Zélia, 36 anos).

Como aponta Toledo (2008), o processo de percepção como mulher lésbica pode ser atravessado por uma dificuldade de reconhecimento como pertencente a uma história, bem como pelo temor da exclusão social e familiar. Segundo a autora, estes sentimentos conduzem estas mulheres a uma posição:

[...] de vulnerabilidade ao sofrimento físico e psíquico, bem como lhes dificultaria o acesso a direitos, logo, de serem cidadãs, além de influenciar em outros aspectos relevantes de sua vida afetivo-sexual, tais como: os cuidados de si/do outro, o encontro de parcerias, sua relação com o prazer, o amor, o trabalho e outros aspectos importantes de sua socialização primária (a família) e secundária (o campo social) (p. 32).

A seguir, aborda-se a terceira subcategoria deste eixo temático, a aceitação da diferença. Após identificar a existência da homossexualidade/lesbianidade, até certo ponto, rompendo-se com concepções estereotipadas e reconhecendo a possibilidade de perceber a si mesma como lésbica, a aceitação de si, nesta pesquisa, trata-se do terceiro momento deste processo de autopercepção.

As qualificações das participantes do estudo frente à aceitação remetem-se à exigência de uma determinação para o rompimento de padrões. Ante a possibilidade de assumir-se como lésbica, muitos medos marcaram a trajetória destas mulheres, o que reafirma a atitude de aceitação de si mesmas como um ato de coragem: “depois que eu fui pra faculdade que eu fui criar coragem para assumir, assim, pra tentar, entendeu? Aí daí pra frente eu falei: “nossa! Então entendi!” Eu queria voltar eu mesma pequenininha e falar: “ah! Você é sapatão!” (Bethânia, 26 anos).

[...] foi quando eu, tipo, chutei o pau da barraca mesmo e vi que não, gente, eu preciso viver a minha vida, eu preciso viver... não quero mais isso pra mim. E tanto que, depois que eu me assumi, acabou o meu problema com bulimia (Zélia, 36 anos).

Conforme a enunciação de Zélia, a decisão pela assunção da lesbianidade é associada ao processo de cura de um transtorno alimentar. Além disso, a aceitação abre caminhos para a compreensão de si, para o autocuidado e amor próprio, como apontado pela outra interlocutora: “[...] e eu assumi, comecei a gostar de mim mesma desse jeito” (Bethânia, 26 anos).

Entretanto, as maiores dificuldades no processo de aceitação, após vivenciarem as duas fases elencadas nas subcategorias debatidas anteriormente (identificação e reconhecimento),

revelam-se através dos medos trazidos pelas participantes. De certo modo, a decisão de assumir, aqui representado pelas mulheres como contar para a família sobre a própria sexualidade e vivenciar a lesbianidade abertamente perante a sociedade, permeia a etapa da aceitação de si. Afinal, há a necessidade de legitimação das pessoas que estão ao redor, de modo que a aceitação de si acaba por sofrer interferências do olhar e da aprovação do outro. E é exatamente neste aspecto que estas mulheres se deparam com o medo: “Eu morria de medo! Tinha medo de perder os amigos, de família... porque até então, todas as histórias que chegavam até mim [...] era assim que eles falavam: ‘o cara virou gay e foi expulso de casa’” (Leci, 36 anos).

Eu não me abria e isso acontece com quase todo mundo: pessoas, adolescentes, jovens, adultos que não se abrem, que não saem do armário é por medo, não é por vergonha por achar que tá errado. É por medo de morrer! [...] era medo de ser violentada, eu tive amigas que apanharam por ser lésbicas (Cássia, 36 anos).

Diante do exposto até aqui, tem-se que a autopercepção como lésbica diz respeito a um processo complexo e singular. Cada mulher vive as fases, aqui categorizadas como identificação, reconhecimento e aceitação, ao seu modo e ao seu tempo. Ademais, a atribuição de “fases” diz respeito à articulação da análise realizada a partir dos dados coletados especificamente neste estudo.

Ressalta-se que, em hipótese alguma, toma-se como objetivo uma busca pela universalização dos temas tratados aqui, nem mesmo pretende-se definir a existência destas “fases” como elementos invariáveis na vivência lésbica. Tendo-se em vista os objetivos propostos no estudo, qual seja o de conhecer as representações sociais sobre a lesbianidade e, por decorrência, buscar compreender o que há de comum nas falas destas mulheres, ressalta-se que a vivência da lesbianidade trata-se de uma experiência única e repleta de especificidades que atribuem autenticidade e um caráter singular a cada uma das vozes aqui recuperadas.

### **3.2 Teorizações sobre a lesbianidade**

Conforme discutido no tópico anterior, observa-se que as construções presentes no imaginário constitutivo da realidade social referente à figura da mulher lésbica fluem diretamente no processo de autopercepção da lesbianidade. Partindo-se de uma perspectiva de construção histórica da categoria lésbica que, reconhecido o papel de transgressão do padrão heterossexual, institui-se em meio à atribuições deste grupo enquanto um problema social (Borges, 2008), permeando-o de definições estereotipadas e estigmatizantes (Toledo, 2008), tem-se que o produto

das concepções elaboradas no senso comum acerca da representação da mulher lésbica acaba por entrar no universo de significações destas próprias sujeitas.

Ao passo que as representações sociais se constituem a partir da atividade e relação estabelecida entre as/os sujeitas/os com o objeto mundo (Guareschi & Jovchelovitch, 1999), as imagens, valores e opiniões referentes a determinado objeto fundam-se em verdades. As teorias e explicações, criadas, organizadas e compartilhadas no cotidiano, passam a ter a atribuição de “conhecimentos práticos constituídos a partir das relações sociais e, simultaneamente, ser o quadro de referência que permite dar sentido ao mundo e às ferramentas que instrumentalizam a comunicação” (Spink, 2013, p. 13).

Assim, articulou-se nesta categoria temática os conteúdos relativos às explicações dadas pelas participantes do estudo às suas lesbianidades. Assumindo-se a lesbianidade como categoria indicativa dos “processos de subjetivação relativos à orientação sexual e política, sexual e de gênero de mulheres com relações/práticas homoeróticas que se autoatribuem o nome lésbica ou similar [...] e sentem-se subjetivamente neste ‘lugar’” (Toledo, 2008, p. 11), as teorias elaboradas em torno desta vivência e produzidas pelas próprias mulheres que se situam neste lugar referem-se a um ponto fundamental desta investigação.

Desde atribuições que associam a sexualidade de mulheres lésbicas à noção de condição inata até aquelas que lançam sobre a lesbianidade uma abordagem processual, ou seja, considerando-a enquanto processo, as teorizações trazidas pelas entrevistadas são diversas. Assim, da condição inata à concepção de processo trata-se da primeira subcategoria desta categoria temática, em torno da qual articulam-se as visões, posições e argumentos expressos pelas sujeitas desta investigação acerca de uma determinada elaboração para a lesbianidade.

A partir do final do século XIX, as teorias científicas alinhadas ao pensamento da época, incluindo as noções que defendiam uma base anatômica para a explicação da homossexualidade, outrora disseminadas pela Igreja Católica, debruçaram-se em “delinear as fronteiras sobre as quais os homossexuais e as lésbicas iriam se definir, criando uma nova disciplina: a sexologia” (Borges, 2008, p. 31). A partir da sexologia, ocorreu um deslocamento da visão de homossexualidade que, anteriormente considerada como pecado e crime, passou a ser qualificada como patologia (Russo, 2011).

Já no século XX, por volta dos anos 1970, observa-se um embate teórico e prático ao redor do tema da homossexualidade, entre os construtos que abordam a temática a partir de perspectivas essencialistas e aqueles que partem de uma visão construcionista (Borges, 2008). Enquanto que os primeiros aplicam ao estudo da homossexualidade métodos e técnicas análogos aos aplicados ao reino animal, ressaltando-se, essencialmente, a biologia enquanto um determinante dos aspectos da sexualidade (Miranda & Alencar, 2016), a posição do construcionismo busca considerar o papel da sociedade na modelação e representação das condutas sexuais (Lessa, 2007).

Tal diversidade de concepções ainda influencia as tentativas de explicação da homossexualidade nos dias atuais, embora se perceba uma tendência de assunção do pensamento com base em uma abordagem essencialista, conforme enfatiza Toledo (2008):

As tentativas de explicação das homossexualidades têm sido tema recorrente no universo científico e no senso comum: quantidades desajustadas de hormônios, tamanhos anormais dos cérebros ou glândulas, formas corporais, relações familiares desestruturadas são alguns dos referentes das “teorias” formuladas, todos sem comprovação totalmente válida ou fidedigna. Para as lesbianidades, as referências são sempre masculinas, acreditando-se que *o motivo* de uma mulher se relacionar com outra seja devido a uma “falha” na experiência afetivo-sexual com homens, que, além de simplista, é extremamente machista (p. 193).

Diante do exposto, destacam-se algumas colocações retiradas das entrevistas: “Ser lésbica é uma dádiva da vida, adorei descobrir, tenho o maior prazer do mundo, sabe? Defendo a vida, porque também sou eu, eu nasci assim, ué” (Leci, 34 anos). “É uma condição que vem conosco [...] e a atração por mulheres não é física, é todo um contexto. São seres incríveis” (Zélia, 36 anos).

Eu não acho que é uma questão de escolha, eu acho que a gente nasce com... cada um tem o seu desejo íntimo, né, e cada um tem a sua consciência, seus gostos, e cada um gosta de uma coisa [...] eu, sendo lésbica, não é uma opção pra mim [...] mas, se eu pudesse escolher, entendeu, você acha que eu ia escolher sofrer? Entendeu... escolher ser julgada na rua... (Bethânia, 26 anos).

Hoje, ser lésbica, eu tento representar, sabe? Mas não é representar num papel de... de repente alguém falar: “nossa, mas você quer influenciar”, não! Não existe influência, ninguém influencia o outro a ser gay, ninguém influencia ninguém na sua orientação sexual (Cássia, 36 anos).

Segundo os fragmentos recuperados, percebe-se uma atribuição da lesbianidade ao campo da condição. “A gente nasce com”, “nasci assim” e “é uma condição que vem conosco” sugerem uma referência a uma ordem pré-estabelecida. Ainda que não exista nas explicações acima elaboradas uma indicação direta aos aspectos biológicos, como o estabelecimento de relação entre questões hormonais ou estruturas anatômicas (Toledo, 2008) e nem a uma suposta

“justificativa” para a lesbianidade, os trechos demonstram uma atribuição ao ser lésbica reportando-se a um conceito de inatismo.

No depoimento recuperado da entrevista com Cássia, a interlocutora enfatiza a impossibilidade de que exista qualquer influência na questão da orientação sexual. Tal argumento contesta uma concepção corrente no senso comum: a de que a homossexualidade possa ser determinada através do convívio social com pessoas homossexuais. Em outro momento da entrevista, Cássia faz uma menção direta à consideração de sua lesbianidade enquanto um processo:

Ser lésbica foi o processo de entender no momento em que ninguém entendia, no momento em que ninguém queria ser, no momento em que mesmo quem era, não tinha pra quem recorrer, no momento que não tinha ninguém que me representasse. Como isso teria feito diferença... (Cássia, 36 anos).

Interessante observar a relação entre uma ideia lançada por Cássia, neste último trecho, e algo que a mesma abordou no fragmento recuperado anteriormente: a questão da representatividade. Nota-se que o seu processo de autocompreensão como lésbica se deu em um momento em que não havia o que, no primeiro trecho, ela identificou como representatividade. No presente, ao reconhecer que a existência de uma mulher que a representasse enquanto lésbica “teria feito diferença”, ela passa a fazer esta diferença ao modo que faz da sua existência um empenho em representar.

Neste jogo temporal contido nas vivências do passado e do presente, revisitar simbolicamente os lugares outrora ocupados pela figura lésbica, transformando-os em ação concreta, atribuindo-lhes contornos, formas e representação na vida atual, ilustra-se, evidentemente, em uma ideia de processo. Em meio a processos, inúmeras transformações ocorrem. Definições, normas e crenças cristalizadas deixam de fazer sentido, exigindo-se novas elucidações e explicações reestruturadas, emergindo-se um novo universo de representações.

Assim, interpõem-se à significação da lesbianidade a atribuição de valores e o estabelecimento de afeto entre mulheres: “Ser lésbica [...] é onde eu me encontro, é onde eu... eu sinto atração por mulheres, eu gosto do contato, eu gosto de estar com mulheres... é tipo, atração mesmo” (Adriana, 24 anos).

Eu acho bonito, eu acho a coisa mais linda de se ver um casal homossexual. Pra mim, ali tem muito mais pureza, eu não sei explicar o porquê. Talvez porque eu seja também, talvez porque eu sinta, eu não sei... (Sandra, 30 anos).

Eu estive em um relacionamento heterossexual, não se compara a nenhuma outra coisa, sabe? O carinho que a gente tem uma com a outra, a atenção, tudo... tudo é melhor [...] foi melhor não só o beijo, não só o toque, mas, sei lá, acho que existe uma compreensão entre mulheres que, talvez por uma masculinidade tóxica, o patriarcado aí é outra questão, que eles não têm ou não são ensinados a ter, e a gente tem... esse carinho, essa coisa toda, esse acolhimento... é muito diferente (Angela, 23 anos).

A lesbianidade, portanto, permeia o encontro consigo mesma, constituindo-se em uma atração pela outra precedida pelo afeto por si mesma. O vislumbre de uma pureza e genuinidade em torno dos casais lésbicos constitui-se em uma projeção da sinceridade e autenticidade inerentes ao ser, sendo enquanto lésbica.

Para Angela, que vivenciou uma relação heterossexual, reside nas comparações conferidas entre os relacionamentos lésbico e heterossexual um amparo à atribuição de sentidos à própria lesbianidade. A presença da/o outra/o, aqui, torna-se basilar, tendo-se em vista que “[...] a produção da significação e da diferença só é possível em relação às fronteiras de um mundo de outros” (Farr, 1999, p. 82).

Independentemente de uma filiação a determinados conjuntos de pensamento que se propõem a lançar hipóteses explicativas em torno de uma suposta “origem” para a lesbianidade, as sujeitas deste estudo apresentam outra importante reflexão cabível à análise das teorias elaboradas em torno da temática, que se refere à questão dos rótulos. Identificando-se uma diversidade de pensamentos lançados diante deste tema, congregou-se tais conteúdos em torno da segunda subcategoria trabalhada neste tópico, assim designada Do rótulo à representatividade.

O nome “lésbica”, pra mim, ele tem que ser falado com orgulho, com carinho, com respeito e sem esse tabu de... tem gente que fala até baixinho, né: “sou lésbica”. Então, depende muito do contexto, entende? Eu, por mim, eu gritaria, colocava na testa: “eu sou lésbica, me deixa em paz” (Leci, 34 anos).

Neste trecho, bem como no que se segue: “É uma mistura de sentimentos. Porque é muito bom você amar alguém e ter isso correspondido, mas é um puta pé no saco você ter que lidar com preconceito” (Bia, 21 anos), percebe-se ambivalências a respeito dos significados atribuídos à vivência enquanto mulher lésbica. Enquanto que, para Bia, a mistura de sentimentos consiste em um conflito entre a liberdade de viver uma relação correspondida com outra mulher e a necessidade de arcar com os preconceitos decorrentes do posicionar-se como lésbica na

sociedade, Leci localiza a ambiguidade inerente à sua significação em torno da nomeação “lésbica” e sua inscrição nos diferentes contextos.

O que é ser lésbica... é que assim, as pessoas colocaram esse rótulo, né, não adianta a gente tentar fugir disso... eu tento. O que é ser lésbica? Pra mim, é só um termo. É o significado de uma relação entre duas mulheres. É uma mulher que sente atração por outra mulher. Pra mim, é só isso (Sandra, 30 anos).

A menina gosta de mulher, mas se um dia ela quiser namorar um homem por ser uma pessoa, tudo bem. Mas aí, por conta de todo mundo conhecer ela como lésbica, vai ser um assunto tipo: “Ó! Mas ela não era lésbica? Está namorando um garoto [...]”. Esse rótulo me incomoda só nesse sentido, das pessoas definirem a outra [...] então ela tem que ser aquilo pro resto da vida, se ela decidir um dia mudar, ela não pode, porque ela carrega o rótulo de ser lésbica. Isso me incomoda um pouco (Leci, 34 anos).

No depoimento de Sandra, destaca-se a colocação de “lésbica”, enquanto um termo que se encerra no rótulo. Como uma atribuição externa, imposta, estritamente formulada para designar a relação afetiva-sexual entre duas mulheres, a participante demonstra não ter interesse em aceitá-la para si, de modo a “tentar fugir disso”. Tal fuga não se remete a uma tentativa da entrevistada em não reconhecer para si ou para a sociedade a sua sexualidade. Como afirma em outro trecho: “Eu sou lésbica, eu namoro e minha família toda sabe, a rua inteira sabe, o mundo todo sabe, eu não me importo com isso” (Sandra, 30 anos).

Desta maneira, a fuga de Sandra constitui-se em uma evitação do rótulo, e não daquilo o que ele representa. De modo semelhante à rejeição de Sandra, Leci demonstra incômodo diante de um aspecto do rótulo: seu potencial em ser carregado pelas/os sujeitas/os que o recebem. O ponto criticado pela participante refere-se ao rótulo enquanto uma atribuição fixa e imutável das/os sujeitas/os, impondo identidades estáticas, as quais passam a definir grupos a partir de um dado marco referencial.

Nesta mesma linha, as duas participantes posicionam-se, em outros momentos das entrevistas: “Eu gosto de mulher e tudo o mais, mas eu não vivo a minha vida em função disso, como se isso fosse um problema, como se isso fosse uma coisa que eu deveria provar para todos” (Sandra, 30 anos).

[...] não é nem que eu não curta rótulos, porque é um rótulo, não é? Querendo ou não, chega a ser um rótulo. E a gente é muito amplo pra colocar isso. Eu gosto de mulheres e o termo está aí, ele existe, até porque o ser humano, ele vive de classificar coisas, não é? Precisa nomear as coisas pra entender, pra estudar e pra conseguir separar uma coisa da outra [...] mas a gente coloca muito termo pra tudo, né? E eu não me rotulo, mas não por ser contra o nome, é justamente por ser contra esses conflitos que geram (Leci, 34 anos).

Esses conflitos aos quais Leci se refere, bem como a consideração de Sandra de “não viver a vida em função disso”, correspondem à necessidade de não serem definidas apenas a partir de suas lesbianidades. Existe algo além de serem lésbicas que a categoria em si não abrange. Trata-se, portanto, de uma rejeição à consideração de si mesmas enquanto um “tipo”, que, pelo que as participantes demonstraram, delimita e restringe.

Diante disto, faz necessário pensar na representação de uma identidade a partir daquilo que uma determinada categoria simboliza. De acordo com Toledo (2008), ao refletir sobre a emergência, no século XX, de uma “identidade homossexual”, existe uma relevância deste processo na visibilização das homossexualidades, de modo que, através de uma identificação, as/os sujeitas/os e grupos teriam a oportunidade de perceberem-se e reconhecerem-se.

Assim, a compreensão das homossexualidades, atualmente, permeia a representação individual ou coletiva “[...] enquanto pertencente a uma forma de subjetivação referenciada pelo desejo sexual, e como uma dentre múltiplas formas de vivência das sexualidades, conjugalidade, círculo social, formação familiar, do sistema jurídico-político etc.” (Toledo, 2008, p. 48). Portanto, aproxima-se desta definição a ideia da homossexualidade como uma identidade, um elo em comum que liga a todas as pessoas que se percebem como homossexuais. No entanto, ressalta-se que a conceituação de identidade exige um aprofundamento teórico e epistemológico que não foi amplamente explorado no presente estudo.

Conforme exposto por Leci, a nomeação e classificação de objetos trata-se de uma atividade humana, necessária à apreensão do mundo ao redor. No caso da nomeação “lésbica”, Navarro-Swain (2000) problematiza:

O espaço vivido do lesbianismo se reduz na proporção do medo, da sujeição, da vergonha, do ser diferente, da repressão implícita e explícita que aponta e nomeia para melhor excluir. Lésbica: a palavra designa e constrói ao mesmo tempo um campo de representações negativas (p. 57).

Entretanto, faz-se necessário lançar sobre esta questão e, mais especificamente, sobre a nomeação “lésbica”, o uso político deste termo. Conforme elucida Borges (2008), “a palavra lésbica é reivindicada pelo movimento lésbico-feminista não como uma preferência, mas no sentido coletivo e político dessas práticas” (Borges, 2008, p. 49). Trata-se, por um lado, de uma ruptura com as concepções binárias que nomeiam as práticas humanas a partir dos referenciais de feminilidade ou de masculinidade e, desta maneira, impõem-se sobre as/os sujeitas/os

homossexuais de modo a reproduzir a mesma lógica polarizada aplicada por aquelas/es que subvertem as configurações heterossexuais, através da identificação homossexual feminino ou homossexual masculino (Toledo, 2008).

Por outro lado, a contestação pela categoria lésbica evidencia a negação das concepções hegemônicas que estabelecem o que significa mulher e o que significa homem. Nestes termos, a identificação em torno da categoria lésbica, segundo Silva (2016):

[...] não se limita a uma diversidade sexual, mas a uma posição política, reconhecer-se e autodeclarar-se lésbica é questão política, ato de solidariedade que ajuda a transformar o estigma que marca a sexualidade não heterossexual em orgulho, fomentando, assim, a construção de uma sociedade não binária onde as diferenças não sejam transformadas em desigualdades (p. 97).

Partindo-se desta perspectiva, duas entrevistadas atribuíram à lesbianidade o potencial de representação. Tornarem-se representatividade para estas mulheres significa, mais que uma atribuição da lesbianidade para si mesmas, um sentido coletivo, de suporte e abertura de possibilidades para a transformação da realidade social.

[...] mas, também é muito bom, porque eu às vezes sinto que com o pouco de, não sei nem se é visibilidade, mas o pouco de poder que eu tenho pra falar sobre isso, e a vida de uma pessoa que eu consigo mudar ou deixar mais fácil quando ela está se reconhecendo como LGBT, pra mim já vale muito à pena (Bia, 21 anos).

Representar significa que eu tenho um grupo de pessoas que de repente passaram pelo que eu passei, me veem numa situação, e falam: 'legal'... o ser humano é muito disso, né, de exemplo... de olhar no outro e achar forças parecidas pra poder seguir um caminho, né... então, eu vejo muito mais eu ser lésbica, hoje, como uma representatividade (Cássia, 36 anos).

Conforme estes depoimentos apontam, o sentido da lesbianidade transforma-se em representatividade, possibilidade de reconhecer em si a capacidade de mostrar algo a alguém com o objetivo de melhorar a realidade desta pessoa ou grupo. Após o processo de autopercepção como lésbica e todas as dificuldades inerentes a esse período de suas vidas, conforme abordado na primeira categoria temática, a produção de teorias e explicações sobre a lesbianidade também se constitui em movimento, transformação, abandono de percepções antigas para a atribuição de novos sentidos.

#### **4 Considerações Finais**

Neste artigo, apresentou-se parte dos resultados obtidos em uma pesquisa na qual se buscou conhecer as representações sociais de mulheres lésbicas sobre a lesbianidade. Mais especificamente, focalizou-se no processo de autopercepção como lésbica e nas teorizações sobre

a lesbianidade, duas categorias temáticas emergentes das conversas realizadas com as oito mulheres lésbicas que participaram desta investigação.

Ao longo deste percurso, buscou-se debruçar sobre as autorrepresentações de mulheres lésbicas sobre a lesbianidade, representando-se enquanto sendo. Para trabalhar com esta temática, elegeu-se a Teoria das Representações Sociais, considerada uma forma de conhecimento e sistema de representação sobre o mundo, creditando-se a esta não apenas um modo de saber prático, mas um recurso teórico potente na articulação entre conhecimento e significação.

Afinal, reconhecer-se como mulher lésbica atravessa um universo representacional constituído de imagens, valores, normas e crenças arraigadas no meio social e cultural, que reproduzem mecanismos de opressão interpostos na produção de noções que se propõem fixas, tal como o conceito de sujeito universal masculino, a partir do qual se consolidam construtos binários, como homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, etc. Neste interim, recorreu-se às perspectivas do lesbofeminismo, de modo geral, e do feminismo, de modo mais restrito, vislumbrando-se nas produções de teóricas e ativistas uma ampla possibilidade de questionamento aos modelos postos, reconhecendo-se o potencial de subversão não apenas na problematização, mas também na proposição, buscando-se romper com os ditames das “verdades universais”.

Torna-se de grande importância evidenciar que o lugar dos sujeitos, que se constituem enquanto produtos e produtores das representações, envolve as dimensões subjetiva e social da realidade vivenciada, de modo que estes processos se encontram inscritos em contextos específicos, onde é possível interagir e existir. Deste modo, realça-se a multiplicidade de elementos que estruturam as representações sobre a vivência lésbica.

As dimensões individual, social e política, denominadas na pesquisa da qual este escrito é derivado como as três categorias norteadoras do processo de análise do material coletado, demonstram elementos específicos do processo de produção da autorrepresentação lésbica, destacando-se que não houve pretensões em buscar generalizações, tampouco explicações ou “causas” para a lesbianidade. Trataram-se de categorias temáticas articuladas entre si, tendo-se como base os objetivos específicos propostos, que auxiliaram na organização do conteúdo, e que não podem ser fragmentadas ou analisadas isoladamente.

Frente à dimensão individual, eixo temático do qual se ocupou este artigo, observa-se que a autopercepção como lésbica envolve um processo, conforme amplamente apontado pelas entrevistadas, conflituoso e envolto em uma rede de significados que extrapolam a própria produção subjetiva sobre a realidade. De modo semelhante, as teorizações sobre a lesbianidade lançadas pelas participantes indicam que diferentes concepções atravessam o processo de significar, nomear e representar a si mesma como lésbica.

Embora tais representações possuam um núcleo comum a respeito do que seja a existência lésbica, como no que se refere à dimensão do afeto, da parceria, do encontro, do desejo e prazer entre mulheres, os significados e valores atribuídos à lesbianidade precedem às próprias experiências individuais, de modo que as representações da lesbianidade envolvem uma contínua negociação de sentidos, processo tanto individual como intersubjetivo. A seguir das possibilidades de compreensão acerca das autorrepresentações trabalhadas nesta exposição, evidencia-se a lesbianidade enquanto construção, processo e vivência que provocam rupturas na ordem heterossexual instituída, ao passo que a existência lésbica deve ser percebida a partir de um efeito político, o qual se expressa, entre outras dimensões simbólicas e materiais, na recusa do acesso masculino aos corpos lésbicos.

Um tema importante levantado pelas lésbicas entrevistadas neste estudo foi a representatividade, categoria enfatizada como uma potente estratégia de fortalecimento e visibilização daquelas que se percebem exercendo uma sexualidade fora dos padrões heterossexuais. É importante destacar que não foram identificados estudos específicos acerca da representatividade tomando-se como base a Teoria Representações Sociais. Assim, este artigo também aponta para a necessidade de aprofundamento da temática à luz da referida Teoria.

Por fim, reconhecendo-se o potencial subversivo revelado pela experiência da lesbianidade, deve-se atentar para o fato de que a heterossexualidade, compulsoriamente instituída e imposta como possibilidade única de vivência da sexualidade, cria, sustenta e repercute estratégias para a contenção e negação da existência de mulheres que a subvertem. Assim sendo, este trabalho desponta como forma explícita de resistência ao instituído, de modo que, ao colocar pauta a lesbianidade, há uma ruptura com a invisibilidade presente no contexto acadêmico e refletida em diferentes esferas do espaço público, social e político.

## Referências

- Alfarache Lorenzo, A. (2012). La construcción cultural de la lesbofobia: una aproximación desde la antropología. In: J. Munoz Rubio (Org.), *Homofobia: laberinto de la ignorancia* (2 ed., pp. 125-146). Editora UNAM.
- Aragaki, S. S., Lima, M. L. C., Pereira, C. C. Q. & Nascimento, V. L, V. (2014). Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões da realidade. In: M. J. P. Spink (Org.), *A produção da informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (pp. 57-72). Edelstein.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. L. A. Reto & A. Pinheiro (Trad.). Edições 70.
- Borges, L. S. (2008). *Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e transgressão* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17258>
- Cerqueira, D., Lima, R. S., Bueno, S., Neme, C., Ferreira, H., Coelho, D., Alves, P. P., Pinheiro, M., Astolfi, R., & Marques, D. (2018) *Atlas da Violência 2018*. Rio de Janeiro: Ipea. [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)
- Farr, R. M. (1999). Representações sociais: a teoria e sua história. In: P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em Representações Sociais*. (5 ed, pp. 31-59). Vozes.
- Foucault, M. (1999). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Graal.
- Grupo Gay da Bahia. (2019). *Relatório 2018: Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil*. Salvador: GGB. <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>
- Guareschi, P. & Jochelovitch, S. (1999). Introdução. In: P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em Representações Sociais* (5 ed, pp. 17-25). Vozes.
- Jodelet, D. (2001). Representações Sociais: um domínio em expansão. In: D. Jodelet (Org.), *As Representações Sociais* (pp. 17-44). Editora UERJ.
- Lessa, P. (2007). *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil 1976-2006)*. [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3411>
- Mezzari, D. C. (2017). *Amar é ter uma ética afetiva, é ter esse cuidado com o outro: narrativas sobre amores e lesbianidades*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150335>
- Minayo, M. C. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (14 ed). Hucitec.
- Miranda, M. & Alencar, R. (2016). Do essencialismo ao desconstrutivismo: um breve balanço das pesquisas brasileiras sobre homossexualidade e suas intersecções com as categorias de corpo e gênero. *Estudos de sociologia*, 1(22), 183-222. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235702>
- Moscovici, S. (2007). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. (5 ed., pp. 7-109). P. Guareschi (Trad.). Vozes.
- Navarro-Swain, T. (2000) *O que é lesbianismo?*. Brasiliense.
- Navarro-Swain, T. (2006). Entre a vida e a morte, o sexo. *Labrys, estudos feministas*, 12(10). <http://www.labrys.net.br/labrys10/livre/anahita.htm>
- Navarro-Swain, T. (2010). Desfazendo o "natural": a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 4(05). <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2310>

- Peres, M. C. C., Soares, S. F., & Dias, M. C. (2018). *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017*. Livros Ilimitados. <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>
- Rich, A. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 4(05). <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>
- Russo, J. A. (2011). O campo da sexologia e seus efeitos sobre a política sexual. In: S. Corrêa & R. Parkes (Orgs.), *Sexualidade e Política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos*. (pp. 174-187). ABIA.
- Selem, M. C. O. (2007). *A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2397>
- Silva, Z. P. (2016). *"Sapatão não é bagunça": estudo das organizações lésbicas da Bahia*. (Tese de Doutorado, Universidade do Estado da Bahia). <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24026>.
- Spink, M. J. P. (2013). *Psicologia Social e Saúde: práticas, saberes e sentidos* (9 ed., pp. 9-18). Vozes.
- Toledo, L. G. (2008). *Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97601>
- Ziller, J. & Barretos, D. (2020). Lésbicas também transam: disputas sobre a visibilidade das lesbianidades no Instagram. *Anais do XXIX Encontro Anual da Compós*. <https://proceedings.science/compos-2020/papers/lesbicas-tambem-transam--disputas-sobre-a-visibilidade-das-lesbianidades-no-instagram>.

## Sobre os autores

<sup>1</sup> **Maria Célia Araujo Tomé**. Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Campus Poços de Caldas. <https://orcid.org/0000-0003-2227-1189>. [mariaceato@gmail.com](mailto:mariaceato@gmail.com).

<sup>2</sup> **Sibélius Cefas Pereira**. Membro do Núcleo Docente Estruturante do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Campus Poços de Caldas. Doutor em Ciência da Religião pela UFJF, Mestre em Linguística pela UNICAMP, graduado em Teologia e Letras. <https://orcid.org/0000-0002-2207-7813>. [sibelius@pucpcaldas.br](mailto:sibelius@pucpcaldas.br).

**Recebido em:** 14/12/2021

**Aceito em:** 11/08/2022

**Publicado em:** 15/04/2023